

A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesanato da pesquisa)

Wellington PEREIRA*

Resumo

Este ensaio tem como objetivo discutir a inscrição do cotidiano no jornalismo impresso, a partir da noção do lúdico e da sensibilidade do artesão-pesquisador capaz de ultrapassar os limites de um anteprojeto de pesquisa argumentativo-referencial – que não considera as diversas mutações pelas quais passam o trabalho acadêmico em construção.

Palavras-chave: Jornalismo. Cotidiano. Pesquisa.

Resumé

Le but de cet essai est de discuter l'inscription du quotidien dans le journalisme, à partir de la notion du ludique et de la sensibilité de l'artisan-chercheur capable de passer des limites d'un projet de recherche qui ne considère pas les diverses mutations dépourvues de celles qui dépassent le travail académique en construction.

Mots-clé: Jornalismo. Quotidien. Recherche.

Introdução

A leitura do cotidiano na mídia pode fomentar uma série de pesquisas que se legitimarão a partir da inscrição epistemológica dos fenômenos socioculturais difundidos pela mídia na vida cotidiana.

Os pesquisadores que trabalham com as várias formas do cotidiano, considerando a profundidade escondida nas aparências, devem utilizar como primeiras ferramentas teórico-metodológicas conceitos da Sociologia do Cotidiano e arquétipos produzidos nas inferências da linguagem midiática na apresentação dos imaginários sociais.

Do ponto de vista de uma Sociologia da Vida, por exemplo, se faz necessário enfatizar os conceitos precursores dos estudos do cotidiano a partir do século XIX relacionados às condições de trabalho encetadas pelo desenvolvimento industrial, principalmente nos estudos de Toqueville e Marx (JUAN, 1995, p.19).

Os estudos sobre a vida cotidiana tiveram impulsos com a necessidade de descrever o mundo “ocidental civilizado”, nas sociologias de Le Play (França); nos escritos de

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris V, França.



Dilthey (Alemanha), cujos métodos procuravam fundar uma ciência experimental para interpretar fatos cotidianos (JUAN, 1995, p.20).

Mas é através dos estudos e pesquisas de Durkheim que os estudos da vida cotidiana ganham força enquanto campo de análise dos fenômenos sociais e, principalmente, no que diz respeito às diferentes formas de interpretação do factual. Isto foi uma das proposições “durkheiminianas” que conduziram à percepção do desenvolvimento de uma sociologia compreensiva na, qual os fenômenos subjacentes nas diversas situações cotidianas são objetos de estudo.

A fundamentação de uma linha de pesquisa capaz de ler o cotidiano na mídia e de inscrever a mídia no cotidiano – como estudo *Stricto Sensu* – requer uma compreensão filosófica da vida cotidiana. Isso nos faz adotar alguns paradigmas propostos por Salvador Juan, em seu livro, *Les formes élémentaires de la vie Quotidienne*, no qual o autor procura estabelecer um paralelo entre as idéias de Georg Simmel e Husserl, privilegiando o formismo e a fenomenologia como categorias de interpretação dos modelos estético-cognitivos produzidos em contextos sociais distintos.

Desde a busca incessante de Durkheim pela autonomia sociológica no campo das pesquisas sociais, os estudos sobre o cotidiano ganham importância à medida que podem servir como ferramentas metodológicas para a leitura do imaginário social construído por cada comunidade.

Do ponto de vista metodológico, as pesquisas sobre mídia e cotidiano se efetivam na sociologia weberiana: “Ao contrário de Durkheim, Weber não distingue as estruturas e as instituições sociais. Ele se interessa pelo homem e pela maneira como ele se comporta em sociedade e como provoca transformações sociais”. (GRAWITZ, 1993, p. 98).

A análise do cotidiano, seguindo a ótica weberiana, fortalece a noção de que o indivíduo é o núcleo do social, e a construção de conceitos é apenas um instrumento para a compreensão dos fatos sociais produzidos por atores sociais.

Antes de evidenciarmos qualquer aproximação teórico-metodológica - entre as linguagens da mídia e as teorias socioculturais sobre o cotidiano -, se faz necessário definir, por exemplo, a função de uma Sociologia da Vida Cotidiana: “[...] ela analisa o domínio das ações individuais rotineiras e desorganizadas – como fatos sociais – os situando em seu meio institucional-simbólico através do lugar dos atores na estrutural social” (JUAN, 1995, p.123).

O reconhecimento da importância dos estudos sociológicos sobre o cotidiano e a mídia – principalmente no campo da Comunicação Social – não pode se dar a partir de “paradigmas” rígidos capazes de reduzir a importância do senso comum a uma ética da convicção na interpretação dos fatos sociais.

Ao não reduzir o cotidiano a um paradigma utilitário - que transita entre as ciências humanas e Física teórica – aproximamos dois pesquisadores como Thomas Kuhn e Michel Maffesoli.

Na concepção de Kuhn, a forma como o conceito de paradigma passou a ser empregado nas ciências causou uma série de problemas de interpretação dos fenômenos sociais, pois se admitiu, falsamente, a legitimação de modelos exatos (perfeitos do ponto de vista geométrico) na produção do conhecimento, como podemos constatar:



Kuhn abandonou a física pela filosofia e lutou durante quinze anos para transformar seu insight na teoria apresentada em A estrutura das revoluções científicas. A pedra angular de seu modelo era o conceito de paradigma. Antes de Kuhn, o paradigma se referia apenas a um exemplo útil para fins educacionais [...]. Kuhn usava o termo para se referir a um conjunto de procedimentos ou idéias que instruem os cientistas, implicitamente, sobre aquilo em que devem acreditar e como trabalhar [...]. Há sempre anomalias, fenômenos que o paradigma não consegue explicar ou até o contradizem. As anomalias são freqüentemente ignoradas, mas, se acumuladas, podem provocar uma revolução (também chamada de mudança de paradigmas [...]). Negando a visão da ciência como um processo contínuo de construção, Kuhn sustentava que a revolução é um ato tanto destrutivo quanto criativo. (HORGAN, 1998, p. 61)

Como observa Kuhn, o paradigma não é o ponto final: a definição acabada de um conceito.

Nos estudos sobre a vida cotidiana – nas relações comunicacionais construídas pelas sociedades – o paradigma se assemelha aos tipos ideais weberianos e ao cotidiano, enquanto estilo, como nos explicita Michel Maffesoli: “[...] Pois o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos, utilizar na arena intelectual. É um estilo no sentido que dei a esse termo, isto é, algo de abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em conjunto”. (MAFFESOLI, 1995, p. 63).

As aproximações das idéias e modelos teóricos de Michel Maffesoli, Thomas Kuhn e Max Weber – o paradigma, os tipos ideais, o estilo cotidiano – demonstram que o pesquisador vai encontrar nos estudos sobre a vida cotidiana um universo de transformações socioculturais que são regidas pela noção de efêmero (meta-temporalidade das transições) e avança para além da obsolescência material.

Podemos estabelecer três ares de observação para a inscrição do cotidiano nas linguagens da mídia, na quais o pesquisador rompe os ardis que transforma a técnica e a obsolescência em metafísicas acabadas (para usar uma expressão como a de Heidegger): 1) valorização do imaginário das sociedades; 2) identificação das alteridades; 3) estudo da apropriação dos discursos populares pela mídia; e da apropriação da mídia pelos discursos populares.

Na primeira assertiva, as concepções sobre a importância do imaginário nas sociedades contemporâneas – como elemento de pesquisa - de acordo com Grawitz (1993, p.141) podem se concentrar em três núcleos teóricos e seus respectivos autores: estudos do imaginário, a partir dos estudos de Castoriadis, Marx e Pierre Bourdieu, que se interessa em estudar as formas de organização do mundo do trabalho e a experiência dos trabalhadores na vida cotidiana, valorizando a dimensão simbólica.

A segunda assertiva procura demonstrar que alguns teóricos auxiliam a percepção do outro – a questão da alteridade – através de métodos e estilos (no sentido maffesoliano) de leitura da vida cotidiana. Nesse sentido, a orientação bibliográfica deve se apoiar – principalmente – em autores que tratam das formas sensíveis da sociedade, como Georg Simmel e Michel Maffesoli.



As teorias de Simmel – nos estudos sobre mídia e cotidiano – podem conduzir a pesquisas através da análise de detalhes, dos signos que são construídos e reconstruídos no dia-a-dia, como: o galanteio, as refeições diárias, a vida urbana, o amor e a morte (FREUND, 1981, p.13).

O tema da terceira assertiva deve ser o entendimento da apropriação das linguagens – tanto pelo cotidiano quanto pela mídia – verificando as distorções e tentativas de aproximação de uma argumentação retórica, o que poderíamos chamar de *consenso das realidades opostas*.

O consenso das *realidades opostas* obriga os pesquisadores a considerar as imbricações conceituais que transitam entre o cotidiano midiático e a mídia do cotidiano, ou seja: não há posicionamentos estéticos no superlativo.

No cotidiano, as linguagens se amalgamam, se reconstituem para fugir à falsa exatidão dos paradigmas mal interpretados. Por isso, o pesquisador não pode partir da cultura midiática para interpretar a vida cotidiana como um “campo de pouso” das astúcias da razão – no qual as tecnologias midiáticas exercem poderes sobre um senso comum indefeso.

Os projetos de pesquisa construídos para estudar as relações entre mídia e cotidiano devem considerar serem as *realidades opostas* elementos de junções muito mais do que de injunções.

A eficácia metodológica está em demonstrar que os discursos midiáticos que circulam no cotidiano não são passíveis de reformulação pelo senso comum; e que o cotidiano difundido pela mídia não pode ter seu imaginário valorizado. Portanto, não há como trabalhar com “maniqueísmos” conceituais nessa relação.

O cotidiano é um feixe semiótico. A mídia é um deles.

Ao pesquisador cabe interpretar os pontos que parecem divergentes na interpretação dos construtos das modalidades narrativas – como espelhos de uma linguagem unida pelo utilitarismo da objetividade – o onde e quando – e pela necessidade de aceleração e desaceleração dos tempos verbais – o modo indicativo do jornalismo.

As pesquisas sobre o cotidiano e as regras da vida jornalística

O desafio do pesquisador, ao estudar a inscrição do cotidiano nas linguagens da mídia – e a difusão do cotidiano nos meios de comunicação de massa – é entender como relações assimétricas, multiformes e polissêmicas podem ser representadas, em telejornais, jornais impressos e revistas, através de códigos verbais que buscam estratégias para comercializar realidades retóricas.

Do ponto de vista metodológico, podemos escolher alguns caminhos para entender como a construção da vida cotidiana no jornalismo, principalmente nos meios impressos, acaba se reduzindo a proposições argumentativas que distanciam os leitores dos níveis de interpretação das realidades, ou seja: o real no jornalismo é determinado pela disposição dos referenciais.

As regras da vida jornalística se estabelecem a partir das convenções sociolinguísticas – flexíveis – ora variando entre o índice e os ícones- opinião e informação.

Ao tentar compreender a inscrição do cotidiano na linguagem midiática, se faz necessário absorver a seguinte idéia: na mídia, aquilo que parece representar a realidade dos fatos, através de imagens, palavras e traços gráficos, é apenas a conversão simbólica de um modelo social.

Na mídia, especificamente na linguagem jornalística, o caráter simbólico se evidencia a partir das normas “redacionais” e organizacionais – codificadas nos manuais de redação – que exigem coerência narrativa para falar das contradições semânticas da vida cotidiana.

Nas narrativas jornalísticas, os fatos sociais são enquadrados a partir de um modelo funcional e argumentativo da linguagem. Assim, a noção da realidade é a “realidade referenciada” pelo domínio retórico, responsável por reduzir a polissemia do cotidiano à identificação dos referentes temporais e físicos das comunidades.

As regras jornalísticas só reconhecem os valores da vida cotidiana quando elas podem ser demonstradas através da redução da imagem pela palavra, da palavra pelo conceito denotativo: as atitudes dos atores sociais são paralisadas pelos referenciais políticos, econômicos e jurídicos do Estado.

Promover a difusão dos elementos socioculturais da vida cotidiana considerando apenas o aspecto referencial é verificar apenas o caráter institucional da circulação dos atores sociais de acordo com os contratos estabelecidos formalmente para manutenção da sociedade. Mas o que escapa a esse modelo contratual é visto ao mesmo tempo como contradição e possibilidade de lucros: aquilo que fere as constituições se torna relevante para a comercialização da informação.

Um dos equívocos da linguagem midiática é pretender representar a vida cotidiana a partir de um sistema calcado na objetividade – como sinônimo de verdade. Por isso, os cidadãos percebem - com auxílio do senso comum - que as manifestações estéticas vivenciadas no cotidiano ultrapassam os limites argumentativos impostos pelas narrativas midiáticas, pois necessitam de outras linguagens – como a linguagem do corpo – para compreensão.

Como inscrever o cotidiano no Jornalismo impresso

Para que as narrativas sobre o cotidiano, no jornalismo impresso, não caíam nos ardis semânticos e ideológicos dos “discursos objetivos”, devemos estabelecer alguns procedimentos para inscrição da vida cotidiana na linguagem jornalística: 1) as construções de enunciados jornalísticos sobre o cotidiano não devem ser regidas apenas por descrições do mundo referencial, ou seja: se faz necessário demonstrar como o sensível determina a forma como são traduzidas em informação as ações dos sujeitos; 2) a vida cotidiana está para a mimese, assim como a vida jornalística está para a imitação. A primeira se renova a cada movimento dos atores sociais; a segunda é a extensão de tipos sociologicamente idealizados; 3) a vida cotidiana não pode ser retratada, no jornalismo impresso, considerando-se apenas as técnicas estruturantes de apreensão do real: é preciso evidenciar o caráter ilógico da vida mundana através de recursos como a utilização da metáfora; 4) na construção da pauta, o jornalista deve empreender esforços para estabelecer uma “cartografia dos sentidos”, estabelecendo vínculos entre as culturas subjetivas e objetivas; 5) é preciso demonstrar, através dos gêneros



jornalísticos, que os fragmentos da vida cotidiana, os intervalos intersticiais, são campos simbólicos produzidos por atores sociais.

A construção do cotidiano no jornalismo impresso não se dá apenas como aplicações tautológicas das técnicas jornalísticas, porque é, antes de tudo, um problema ontológico (do ser) e metodológico – competência para coleta e organização de enunciados socioculturais.

A pesquisa como artesanato do cotidiano

O artesanato da pesquisa significa que o trabalho simboliza a união entre as formas racionais de construção dos referentes bibliográficos capazes de legitimar, academicamente, as idéias do pesquisador e os jogos de linguagem capazes de transformar a razão paralisante dos conceitos em lógica lúdica de significados, ou seja: objeto e objetivos da pesquisa devem ser colocados em movimentos a partir da criatividade dos pesquisadores.

A criatividade em pesquisa não é sinônima de “digressão” – sequer do excesso de metáforas, que podem ser usadas como instrumentos metodológicos, mas um exercício no qual se estende a vida à pesquisa – de forma que a recriação não prescindia da recriação, como nos explicita C. Wright Mills (2009, p. 59): “Não há ruptura entre o trabalho e diversão, ou trabalho e cultura. O modo como o artesão ganha seu sustento determina e impregna todo o seu modo de vida”.

O lúdico é método. Proporciona ao pesquisador a utilização da abordagem indutiva ampliada, na qual nenhuma proposição depende do estatuto de “verdade científica”.

Na inscrição do cotidiano no jornalismo impresso, o pesquisador deve procurar mais ludologia que ideologias com relação aos jogos de linguagens – de acordo com a “tradição wittgenstiana”.

A análise ideológica demonstra a aparência do sistema de idéias consideradas dominantes. Nesse sentido, as linguagens das editoriais, no jornalismo, refletem o predomínio ideológico nos campos da política, cultura, lazer, esportes, economia etc.

Na ludologia – esfera de conhecimento que se refere a jogos e passatempos – o recorte temático não se subordina à violência dos conceitos, mas busca construir um conhecimento que não é determinado pelas teses – argumentação e comprovação científicas das idéias; considerando o lugar das referências como determinante na conclusão da pesquisa.

O trabalho de pesquisa sobre a inscrição do cotidiano no jornalismo impresso deve se basear não em teses, mas em *métis*. Esta representa o pensamento circular – em constante movimento – que busca entender, geometricamente, as formas dos saberes.

Se a tese necessita da antítese para anunciar sua legitimidade na síntese, a *métis* traz em si formas antitéticas e sintéticas, pois considera, antes de tudo, as diversas formas que o objeto pode assumir no transcurso da pesquisa.

O cotidiano como objeto de pesquisa e de inscrição em linguagens específicas é polissêmico e mutável. Portanto sua leitura requer instrumentos que ultrapassam o “império utilitário das referências” e ousa dialogar com outros campos do conhecimento considerando o senso comum e o lúdico como ferramentas essenciais no estudo das formas de inscrição dos fenômenos da vida cotidiana no jornalismo.



Conclusão

Os elementos estruturais de um anteprojeto de pesquisa têm, em primeiro lugar, um caráter hipotético, pois o percurso do pesquisador deve se estabelecer através do equilíbrio entre as normas científicas e a sua imaginação criativa.

A jornada do artesão- pesquisador, sobretudo aquele que busca entender o feixe de significados produzidos pelas mídias no cotidiano e do cotidiano nas mídias, deve atender às considerações de C. Wright Mills (2009, p. 62);

Para dar a seu trabalho o frescor da criatividade, o artesão deve por vezes abrir-se àquelas influências que só nos afetam quando nossas atenções estão relaxadas. Assim, para o artesão, afora o mero repouso animal, o lazer pode ocorrer naqueles períodos intermitentes necessários para a individualidade em seu trabalho. Assim, como leva para seu lazer a capacidade e os problemas de seu trabalho, também traz de volta para o trabalho aquelas sensibilidades que não atingiria em períodos de tensão elevada, constante, necessários para o trabalho consciente.

A pesquisa do cotidiano inscrito no jornalismo impresso deve ser estruturada a partir de três elementos: 1) o trabalho do pesquisador como artesão de conceitos; 2) a verificação das formas ético-estéticas da vida cotidiana; 3) a análise das narrativas jornalísticas que re-apresentam os fenômenos cotidianos através da linguagem jornalística.

Referências

FREUND, Julien. **Introdução à tradução francesa da obra de Georg Simmel: sociologie e epistemologie**. Paris: Puf, 1981.

GRAWITZ, Madeleine. **Méthodes des Sciences Sociales**. Paris : Éditions Dalloz, 1983.

HORGAN, John. **O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUAN, Salvador. **Les formes élémentaires de la vie quotidienne**. Paris: Puf, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Arte e ofícios, 1995.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.